

VOLUME 3

CUIDAR é planetário

PROPOSIÇÕES DE ENFERMAGEM FRENTE À CRISE SOCIOAMBIENTAL

ORGANIZADORAS
Claudete Moreschi
Rosiane Aparecida Copetti Macht
Ivone Adriana Garcia Costa
Dirce Stein Backes

editora UFN



VOLUME 3

CUIDAR é planetário

PROPOSIÇÕES DE ENFERMAGEM FRENTE À CRISE SOCIOAMBIENTAL

ORGANIZADORAS
Claudete Moreschi
Rosiane Aparecida Copetti Macht
Ivone Adriana Garcia Costa
Dirce Stein Backes

editora UFN

Universidade Franciscana - UFN
Santa Maria, 2026

editora.ufn.edu.br

EDITORA UFN
Rua Silva Jardim, 1535
Prédio 7, Sala 201A
Centro | Santa Maria, RS
97010-491 | (55) 3220.1306

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Fagner Millani
Lucio Pozzobon de Moraes

CAPA
Rafaela Vasconcelos
Julia Kieling

PREPARAÇÃO DE TEXTO, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Lucio Pozzobon de Moraes

REVISÃO ORTOGRÁFICA
Janette Mariano Godois

ORGANIZADORAS
Claudete Moreschi
Universidade Franciscana - UFN
https://orcid.org/0000-0003-3328-3521

Rosiane Aparecida Copetti Macht
Universidade Franciscana - UFN
https://orcid.org/0009-0000-6596-8280

Ivone Adriana Garcia Costa
Universidade Franciscana - UFN
https://orcid.org/0009-0005-6824-8373

Dirce Stein Backes
Universidade Franciscana - UFN
https://orcid.org/0000-0001-9447-1126

C966 Cuidar é planetário : proposições de Enfermagem frente à crise socioambiental / Organizadoras Claudete Moreschi, Rosiane Aparecida Copetti Macht, Ivone Adriana Garcia Costa, Dirce Stein Backes – Santa Maria, RS : Universidade Franciscana, UFN – 2026.
84 p. : il. ; 14,8 x 21cm

ISBN: 978-65-5852-590-5 (online)
ISBN: 978-65-5852-589-9 (impresso)

1. Enfermagem 2. Cuidado ambiental 3. Saúde única 4. Reciclagem I. Moreschi, Claudete II. Macht, Rosiane Aparecida Copetti III. Costa, Ivone Adriana Garcia IV. Backes, Dirce Stein

CDU 616-083

Elaborada pela Bibliotecária Eunice de Olivera CRB 10/1491

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es). A Editora UFN não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

SUMÁRIO

Apresentação 7

(Com)viver exige sabedoria 10

“Saúde única” e sua interface com o ambiente 14

A ponte entre o saber e o fazer ambiental 17

A reciclagem como atitude cidadã e imperativo para a sobrevivência 20

Cidadania ecológica: da miopia do eu à consciência do nós 24

Crise humanitária e civilizacional: o coração humano adoecido 28

Cuidar da terra para cuidar de nós: avanços na saúde única 32

Educação ambiental: diálogo entre conhecimento científico e tradicional 35

Saúde única e educação ambiental: conexões vitais 38

Interdependência como rota de sobrevivência 42

Interexistência: nós somos a terra em movimento 46

O cuidado ambiental como identidade 50

O rastro da anestesia: por que ignoramos as lições de 2024? 53

A responsabilidade que também é minha 56

Reciclagem ou lixo: qual a diferença? 60
O que aprendemos com a tragédia climática de 2024? Educação ambiental e saúde única: conectando humanos, animais e ecossistemas 63
Repense as suas atitudes sustentáveis: lidere a mudança 66
Saúde única: a teia invisível da vida 70
A saúde única como resposta à crise climática 74
Solidariedade planetária 78
Referências 82

APRESENTAÇÃO

As crescentes mudanças climáticas confrontam a humanidade com um momento de profunda escolha moral e existencial. Longe de meras decisões isoladas, a sobrevivência coletiva exige a formação de uma aliança global que proteja a Terra e restabeleça o equilíbrio ecológico. Sob a premissa de que o cuidado é o reflexo mais autêntico de nossa essência, esta obra convida o leitor a uma jornada de reconexão planetária. Aqui, o ato de zelar pelo ambiente deixa de ser uma obrigação burocrática e assume o papel de pilar central para a continuidade da vida.

No cerne desta discussão, emerge o conceito revolucionário de Saúde Única, uma abordagem que dissolve as barreiras artificiais entre os seres humanos, os animais e os ecossistemas. A vitalidade de nossas comunidades depende de forma estrita da integridade das florestas, dos rios e de todas as espécies que compartilham a Casa Comum. Cada perturbação nesta teia invisível reverbera na imunidade global e na segurança coletiva. Compreender essa mútua dependência representa o primeiro passo para uma medicina preventiva real, capaz de curar o território antes que as enfermidades alcancem os nossos lares.

Superar o abismo da inércia exige uma transição urgente da miopia do "eu" para a consciência do "nós". O verdadeiro saber ambiental transcende o acúmulo de dados intelectuais e se materializa na ética em movimento, nas pequenas e corajosas escolhas diárias. Desde a separação responsável dos resíduos domésticos até o apoio à economia circular, cada gesto individual opera como um voto no amanhã que desejamos construir. A cidadania ecológica floresce quando o indivíduo compreende que o espaço público é a extensão viva de sua própria moradia.

Esta obra também valoriza a necessária ecologia de saberes, um diálogo horizontal entre o rigor da ciência contemporânea e a profundidade dos conhecimentos tradicionais e ancestrais. A racionalidade técnica muitas vezes ignora respostas vitais que as comunidades locais preservam através da memória oral e da observação empírica. Ao integrar essas cosmovisões de maneira respeitosa, a educação ambiental cumpre o seu propósito mais nobre: capacitar cidadãos para a autonomia e para a transformação socioambiental. Essa fusão de consciências fortalece as barreiras de biossegurança e enriquece a nossa herança cultural.

Convidamos você a abrir estas páginas com o coração desperto para a interexistência, sob a certeza de

que nós somos a própria Terra em movimento. Esta leitura não oferece fórmulas pragmáticas, mas inspira uma revolução nos valores, nos hábitos e no sentido de responsabilidade universal. Que a reflexão proposta pelos autores sirva de estímulo para que sua passagem por este mundo deixe marcas de regeneração, afeto e solidariedade. O futuro se salva ou se perde no espaço exato de nossas atitudes presentes; honre este privilégio e descubra como ser um elo ativo na sinfonia da vida.

Prof. Dra. Alacoque Lorenzini Erdmann
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

(COM)VIVER EXIGE SABEDORIA

As crescentes mudanças climáticas evidenciam que nos encontramos diante de um momento crítico, em que não bastam escolhas individuais, mas é preciso formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida no Planeta. A escolha está em nossas mãos e o cuidado revelará quem somos.

A escolha pelo modo de vida sustentável implica muito mais que o conhecido desenvolvimento sustentável, palavra-chave nos mais variados documentos. Essa opção demanda uma verdadeira revolução nas mentes e nos corações, nos valores e nos hábitos, nas formas de produção e de relacionamento com a natureza. O modo de vida sustentável supõe entender a humanidade como parte de um vasto universo em evolução e a Terra como nossa Casa Comum. Supõe assumir, em âmbito individual e coletivo, a responsabilidade pelo presente e pelo futuro.

Um modo de vida sustentável demanda um ser humano novo, capaz de (re)criar a história e dar um novo sentido à existência humana. Hoje, mais que em outros tempos, é preciso decidir viver com um sentido de responsabilidade universal, compromisso com a ética e

com a cidadania. A responsabilidade é universal e de uns para com os outros. Logo, a sustentabilidade não é atribuída apenas ao desenvolvimento, mas ao novo modo de vida.

Ao afirmar que "tudo o que o ser humano fizer com cuidado revelará quem ele é", compreende-se que o cuidado - atitude de atenção, responsabilidade, preocupação e envolvimento afetivo - reflete a verdadeira essência e a identidade de uma pessoa. Ao empreender uma tarefa com cuidado, o ser humano demonstra suas qualidades intrínsecas, tais como a ética, a cidadania, a competência e o seu modo de ser-no-mundo, moldando e expressando a sua individualidade por meio de cada ação individual ou coletiva.

O cuidado e a sustentabilidade são, portanto, categorias centrais do novo paradigma planetário e princípios capazes de viabilizar uma sociedade globalizada por meio de um desenvolvimento que satisfaça as necessidades humanas e as dos demais seres da comunidade biótica. Tudo o que é pensado e realizado com cuidado é capaz de preservar a integridade, a beleza e a capacidade de regeneração da natureza com os seus recursos, em vista também das gerações que virão depois de nós. Logo, o cuidado não é apenas uma categoria que define quem é o ser humano, mas também uma

chave que permite entender a dinâmica e as interações que se movem no universo.

O cuidado é essencial à sobrevivência do que é vivo e nele age como força contra a entropia e o desgaste natural das coisas. Sem ele, a vida não nasce, não floresce nem frutifica. Essa perspectiva pode ser aplicada aos diferentes níveis, desde a manutenção da vida individual até a preservação da herança cultural e natural, visto que o cuidado prolonga a existência e contraria a tendência ao declínio e à desordem. A conexão entre cuidado e vida ressalta a sua inseparabilidade, evidente desde o nascimento, quando um ser humano não pode sobreviver sem o cuidado dos outros.

O cuidado convida a ecologizar tudo o que fazemos com a comunidade da vida, o que significa dizer que é preciso rejeitar tudo o que prejudica os ecossistemas ou que causa sofrimentos. Se a vida pôde surgir num contexto de cuidado, é pelo cuidado contínuo que a vida se mantém, se reproduz e evolui. Essa percepção reflete a ideia de que o cuidado é essencial para a continuidade da vida e de seus processos, desde a sua origem até o seu desenvolvimento e a proliferação de novas gerações. Sendo assim, o cuidado não é apenas um ato de preservação, mas também um processo ativo que envolve o ambiente, a sociedade e a dinâmica

existencial dos indivíduos. Em um sentido mais amplo, o cuidado pode ser interpretado como a manutenção do equilíbrio e da complexidade nos ecossistemas, assegurando a continuidade da vida em todas as suas formas.

“SAÚDE ÚNICA” E SUA INTERFACE COM O AMBIENTE

Para compreender a verdadeira essência do bem-estar, precisamos expandir nosso olhar para além das paredes dos consultórios e hospitais. O conceito de Saúde Única (One Health) nos convida a perceber que a vida humana não acontece de forma isolada, mas em uma teia profunda e invisível que nos une aos animais, às florestas e a todas as coisas que existem no Universo. Essa abordagem nos lembra de que somos parte de um organismo maior e que qualquer tremor em um desses pilares reverbera inevitavelmente em todos os outros, exigindo de nós uma nova forma de cuidado, baseada na colaboração e no respeito à integralidade da vida.

O meio ambiente não é apenas o cenário onde vivemos, mas o alicerce vivo que sustenta cada respiração nossa. Quando os ecossistemas são preservados, eles atuam como guardiões silenciosos, mantendo o equilíbrio natural e nos protegendo de ameaças invisíveis. No entanto, ao ferirmos a terra com o desmatamento e a poluição, quebramos esse escudo protetor. O contato forçado entre a vida selvagem e as cidades, provocado pela nossa própria expansão, abre portas para perigos que antes repousavam em harmonia no coração das matas.

Essa relação fica nítida quando observamos as doenças que migram dos animais para os seres humanos. Ao transformarmos florestas em concreto ou pastagens, não estamos apenas alterando a paisagem, mas desalojando seres e perturbando dinâmicas milenares. Vírus e bactérias, que antes seguiam seu ciclo natural longe de nós, encontram novos caminhos para nos alcançar. Assim, proteger o habitat dos animais não é apenas uma escolha ética, mas um gesto de preservação da nossa própria espécie.

Para além das enfermidades, a natureza nos oferece os remédios mais vitais, tais como a água que sacia a sede e o ar que renova nossas células. Quando permitimos a contaminação de um rio ou o envenenamento do solo, estamos, na verdade, comprometendo a nossa própria segurança e longevidade. Cuidar das águas e das matas deixa de ser uma tarefa administrativa para se tornar um ato de medicina preventiva, em que a conservação da vida ao ar livre é o que garante a saúde dentro de nossas casas.

As mudanças no clima também nos alertam para essa interdependência. O aquecimento global não altera apenas a temperatura, mas redefine onde agentes patogênicos e vetores de doenças conseguem prosperar. Mosquitos e outros vetores, antes restritos a certas

regiões, agora atravessam fronteiras e desafiam nossa capacidade de adaptação. Sob a luz da Saúde Única, as práticas sustentáveis deixam de ser metas distantes para se tornarem um compromisso urgente com a segurança e a sobrevivência de cada ser humano.

Em última análise, a Saúde Única nos ensina que a humanidade só pode florescer em um planeta que respira com saúde. Proteger a biodiversidade é, talvez, a forma mais generosa de cuidado que podemos praticar. Mas, diante de tudo isso, ficam os questionamentos: até que ponto estamos dispostos a mudar nosso estilo de vida para salvar o ecossistema que nos mantém vivos? Se somos parte de um todo, como podemos esperar cura para nós mesmos enquanto o mundo ao nosso redor adoece? O que você tem feito hoje para nutrir a vida que sustenta a sua própria saúde? Até quando seguiremos tratando a natureza como um recurso infinito, ignorando que cada cicatriz no solo é uma ferida em nossa própria imunidade? E, finalmente, se a saúde é um direito de todos, como podemos ignorar o direito de existência das outras espécies que tornam a nossa vida possível?

A PONTE ENTRE O SABER E O FAZER AMBIENTAL

Mais do que um simples caminho técnico, a ponte entre o saber e o fazer ambiental é o elo vital que costura a erudição ecológica - o nosso acervo de dados e leis - à práxis, à ação regenerativa. Habitamos, atualmente, o "abismo da inércia", um paradoxo em que a precisão de nossos diagnósticos sobre a crise planetária contrasta com a hesitação de nossas ações. Superar esse abismo não é apenas necessário, mas o imperativo ético para a sustentabilidade da vida.

O saber ambiental: para além do intelecto

O verdadeiro saber ambiental transcende a memorização de ciclos biológicos. Ele é uma desconstrução epistemológica. Conhecer não é apenas processar dados, mas perceber a interdependência sistêmica em que economia, sociedade e biomas respiram um único ar. Este saber nos convida a abandonar a arrogância antropocêntrica, que vê a natureza como um acumulado de recursos, para abraçar uma visão ecocêntrica, em que nos reconhecemos como um fio na complexa teia da vida. É o despertar de uma inteligência que não apenas entende o mundo, mas se importa com ele.

O fazer ambiental: a ética em movimento

Se o saber é a bússola, o fazer ambiental é o caminhar. Ele é a materialização da ética, a prova de que nossas convicções sobrevivem ao teste da realidade. O fazer manifesta-se, geralmente, no silêncio de nossas escolhas diárias, na renúncia ao supérfluo e no respeito à pegada que deixamos no solo. O fazer é a transformação do conhecimento em responsabilidade social, em fiscalização e em políticas que protegem o futuro. Aqui, o saber deixa de ser um ornamento teórico e torna-se uma ferramenta de intervenção no destino comum.

Arquitetando a passagem: onde a mudança gera vida

Para que essa ponte não seja apenas um desejo, precisamos de pilares indestrutíveis. Não basta informar; é preciso transformar. Necessitamos de uma educação que não se limite ao saber, mas que mergulhe na busca de caminhos efetivos de transformação. Ela é o solo onde a informação germina em convicção, capacitando o indivíduo a decidir não pelo medo, mas pela clareza. A ponte é pavimentada quando o peregrino percebe que não há separação entre o eu e o meio. Cada gesto de consumo é um voto no tipo de mundo que queremos. A autoconsciência rompe a alienação e transforma o espectador da degradação em um

arquiteto da regeneração. O agir ético floresce quando a sociedade cria infraestruturas que tornam a sustentabilidade o caminho natural - cidades inteligentes, incentivos à energia limpa e sistemas que recompensam a preservação.

O encontro necessário

A ponte entre o saber e o fazer é a única rota segura para as gerações que nos sucederão. O saber sem o fazer é uma biblioteca em chamas, cheia de sabedoria, mas incapaz de salvar a si mesma. O fazer sem o saber é um esforço cego e sem vibração. Somente quando fundimos a consciência com a ação, desenhamos um modelo de civilização que não apenas sobrevive, mas floresce em equilíbrio com a biosfera. É tempo de fazer com que nossa sabedoria, finalmente, honre a vida em sua integralidade.

A natureza não precisa que você a entenda, mas precisa que eu e você a deixemos viver. Diante disso, qual será o primeiro tijolo que podemos colocar, hoje, na sua ponte entre o saber e o fazer? Lembremo-nos: o hiato entre a consciência e a atitude é o espaço exato onde o futuro se perde ou se salva. Se o saber é um privilégio, o fazer é a única forma de honrar esse privilégio antes que a biblioteca do mundo se torne cinzas.

A RECICLAGEM COMO ATITUDE CIDADÃ

A nossa calçada não é a fronteira onde termina a nossa responsabilidade, mas o começo exato do nosso compromisso com o bem comum. Olhar para o lixo que geramos e simplesmente fingir que ele desaparece quando o caminhão passa é a maior ilusão que alguém pode ter. Longe de ser apenas uma tarefa doméstica ou uma regra de higiene, decidir o destino do que consumimos no lar é um ato de cidadania. É o reconhecimento definitivo de que a rua, a praça e o bairro não são depósitos de descarte, mas sim a extensão viva da nossa própria casa.

Quando decidimos separar, limpar e destinar corretamente um reciclável, começamos uma pequena e poderosa revolução silenciosa contra o desperdício. Em um mundo que nos ensina apenas a comprar e descartar, salvar uma embalagem do lixão é uma escolha corajosa e responsável. Aquilo que muitas vezes chamamos de "lixo inútil" recupera, pelas nossas mãos, o seu valor como recurso. Essa mudança de postura nos tira da condição de compradores passivos e nos transforma em protagonistas de uma nova história.

Mais do que salvar árvores ou poupar rios, a triagem dos materiais em casa é um ato de justiça social,

de respeito pelo outro e por todas as formas de vida no Planeta. O sistema de reciclagem funciona e resiste graças ao trabalho incansável de milhares de catadores e recicladores em cooperativas locais, verdadeiros guardiões do meio ambiente. Ao facilitar esse fluxo dentro de nossas casas, não estamos apenas separando plástico de papel, mas valorizando vidas, gerando empregos e garantindo o sustento digno de muitas famílias.

Reaproveitar a matéria-prima significa frear o consumo desenfreado e honrar os limites da nossa Casa Comum. O cuidado com o descarte torna-se uma ferramenta para transformar a cultura local pelo poder do exemplo, sem qualquer imposição. O gesto silencioso de uma mãe, de um pai, de um vizinho ou de um professor que separa seus resíduos educa muito mais do que qualquer decreto governamental. É assim que a governança ambiental deixa de ser uma cartilha burocrática para se transformar em um costume vivo e transformador.

A separação dos resíduos sólidos revela-se uma trincheira de defesa dos direitos humanos e do direito constitucional ao ambiente saudável. Exigir do poder público cidades limpas, justas e sustentáveis sem oferecer como contrapartida a nossa própria ação individual é uma contradição que enfraquece o sentido

da vida comunitária. A cidadania plena requer o engajamento de cada cidadão em uma conduta consciente que proteja a vida em sua integralidade. Nessa direção, a reciclagem emerge como um pacto de solidariedade entre gerações, no qual o presente escolhe abrir mão do desperdício para que os nossos filhos e netos tenham o direito elementar de herdar um futuro viável.

Cuidar do destino do que rejeitamos é, portanto, o caminho mais inspirador para construirmos uma comunidade unida, forte e participativa. Ao transformar a reciclagem em um hábito, deixamos o egoísmo de lado para valorizar o lugar onde vivemos. O amanhã que desejamos exige que a proteção do bem comum nasça em nossos lares, inspirando a vizinhança e mudando a nossa história. É no compromisso de cuidado com cada pequeno resíduo que mostramos quem somos e criamos as bases de uma comunidade mais consciente e sustentável.

Olhando para a forma como vivemos hoje, vale a pena parar um instante e refletir sobre as nossas próprias atitudes. Que legado estamos deixando quando fechamos o saco de lixo e o colocamos na calçada? Se o espaço público é a extensão da nossa moradia, estamos cuidando da rua com o mesmo zelo que dedicamos ao nosso lar? Que futuro estamos ajudando a

construir para as próximas gerações quando escolhemos o descarte sem qualquer critério? Afinal, se a mudança para um mundo melhor não começar em nossa casa e nas pequenas escolhas do dia a dia, onde mais ela poderia começar?

CIDADANIA ECOLÓGICA: DA MIOPIA DO EU À CONSCIÊNCIA DO NÓS

A crise climática atual não é apenas um desafio técnico ou político, mas um teste de alteridade. Durante séculos, a humanidade operou sob a lógica do eu, caracterizada pelo consumo individualista, pelo lucro imediato e pela ilusão de que ações isoladas não geram consequências globais. No entanto, a degradação da natureza ignora fronteiras e classes sociais, provando que o isolamento é uma armadilha.

Cuidar do Planeta exige uma mudança profunda de perspectiva: a transição urgente do eu para o nós. Essa mudança significa entender que os recursos naturais são bens comuns e finitos. O lixo descartado incorretamente por um indivíduo afeta o oceano de todos. A poluição gerada em uma cidade altera o clima do Planeta inteiro. Preservar a vida de nossa Casa Comum é, essencialmente, um ato de responsabilidade coletiva.

Afinal, habitar a Terra não é um ato solitário, embora a modernidade tente nos convencer do contrário. Fomos ensinados a enxergar o mundo através das lentes do ego, o que provocou uma miopia existencial que reduz a natureza a um cenário decorativo e os recursos naturais a meros produtos de consumo. Nessa lógica

linear e fria, esquecemos que as árvores não respiram para si mesmas e que os oceanos não guardam suas águas em segredo. Há um fluxo contínuo de generosidade na dinâmica planetária.

Romper com esse pragmatismo e migrar em direção à coletividade significa despertar para a sacralidade da interdependência. Não protegemos o meio ambiente por obrigação moral ou medo do amanhã, mas por reconhecermos que somos, em essência, o próprio Planeta que tenta curar a si mesmo. O rio que corre não está fora de nós; a atmosfera que nos envolve é o nosso próprio fôlego expandido. Quando o eu se dissolve no nós, a ecologia deixa de ser uma lista de tarefas sustentáveis e passa a ser um estado de comunhão, em que cada escolha é um ato de respeito à grande teia da vida.

Sair do casulo do individualismo é compreender que o sofrimento da Terra ecoa em nossa própria existência. Não somos espectadores de um naufrágio ecológico, mas tripulantes do mesmo barco orgânico. Quando o solo empobrece ou uma espécie silencia para sempre, uma parte da nossa própria humanidade também se extingue. Essa transição resgata a sensibilidade perdida, transformando o ato de cuidar em uma celebração do pertencimento, em que a preservação

de uma floresta ou a limpeza de uma nascente são vistas como a restauração do nosso lar espiritual compartilhado.

Essa revolução silenciosa da consciência nos convida a reescrever o futuro com o senso de reciprocidade. Ao abandonarmos o egoísmo que fragmenta o mundo, começamos a enxergar as próximas gerações não como conceitos distantes, mas como a continuidade do nosso próprio abraço no tempo. Plantar uma semente hoje, sabendo que talvez nunca nos sentemos sob a sua sombra, é a sabedoria em reconhecer que tudo está interligado. É o reconhecimento sublime de que a vida é um legado contínuo e que a nossa maior herança será termos sido o elo que manteve viva a sinfonia do Planeta.

Portanto, a sustentabilidade só se tornará real quando a empatia moldar os nossos hábitos de forma definitiva. Emergir do isolamento do eu e habitar plenamente o nós não é uma escolha utópica, mas a única rota de sobrevivência coletiva. O cuidado com o meio ambiente deixa de ser um fardo burocrático e passa a ser o resgate da nossa própria dignidade partilhada. Ao tecer o amanhã com a linha da solidariedade e da reverência à vida, garantimos que a nossa passagem pela Terra não seja lembrada pela pegada da destruição, mas pelo plantio eterno de um futuro comum.

Questões para pensar e refletir:

- Como as fronteiras do meu quintal não barram as consequências da poluição e do lixo que gero, até quando vou agir como se minhas escolhas diárias não afetassem a vida e a saúde de todos nós?
- Se nós somos os tripulantes do mesmo barco orgânico chamado Terra, o que eu e você estamos fazendo hoje para evitar o naufrágio ecológico do lugar onde os nossos filhos e netos terão que viver amanhã?

CRISE HUMANITÁRIA E CIVILIZACIONAL: O CORAÇÃO HUMANO ADOECIDO

A terra racha, as águas escasseiam e as florestas silenciam não apenas por falhas físicas, mas porque o coração humano adoeceu. O esgotamento do Planeta é o espelho visível de uma ruína invisível: a erosão da nossa capacidade de sentir a dor do outro. Quando nos isolamos no egoísmo, passamos a enxergar tanto a natureza quanto o semelhante como meros objetos a serem usados e descartados. Não haverá primavera para as florestas enquanto persistir o sinal da indiferença e do egoísmo, pois curar o solo exige, antes de tudo, curar a nossa capacidade de acolher e amar.

Essa falência da alma coletiva atinge o seu ápice quando a barbárie destrói a pureza e o amanhã. A dor indizível da bebê Helena, violentada aos dez meses, e o sopro de vida interrompido de um menino de três anos pelas mãos do próprio pai não são tragédias isoladas da nossa época. Elas são o grito desesperado de uma sociedade que perdeu o seu instinto mais sagrado, o de proteger os seus filhos. Se o lar se torna o cenário do horror e a inocência é violada, o mundo inteiro desmorona. Como podemos prometer cuidar das florestas se

falhamos em abraçar e proteger a fragilidade de nossas próprias crianças?

O zelo pelo mundo não nasce de decretos ou manuais técnicos, mas do despertar da nossa sensibilidade mais profunda. O cuidado é um fluxo contínuo que começa no respeito à dignidade da vida humana e se expande até abraçar o menor dos seres vivos. Quando permitimos que a violência sangre o nosso próprio tecido social, destruímos a base moral que nos conecta à criação. Agredir a Terra e agredir uma criança são frutos da mesma árvore: a falta de sentido de vida, a cegueira espiritual que nos impede de perceber que tudo está interligado. Salvar o Planeta é, essencialmente, resgatar a nossa própria humanidade.

Nossas responsabilidades não se limitam às linhas imaginárias que traçamos nos mapas. Pertencemos a uma grande teia viva e cada ato de omissão, agressão ou indiferença ecoa pelo universo inteiro. A verdadeira consciência nos convida a compreender que o sofrimento de uma criança no bairro vizinho e o sofrimento de um rio agonizante são a mesma ferida. Ser cidadão deste mundo é compreender que fomos feitos para sermos guardiões uns dos outros. A nossa sobrevivência não depende de mais muros de

segurança, mas de braços mais abertos e dispostos a sustentar a vida onde quer que ela clame por amparo.

Diante do absurdo, o silêncio e a apatia dos que apenas assistem tornam-se cúmplices da destruição. Uma sociedade que se anestesia com telas e excessos enquanto a inocência sangra e as matas queimam está abrindo mão do seu próprio direito ao futuro. O verdadeiro clamor civilizacional exige de nós romper a bolha do conformismo e transformar a nossa indignação silenciosa em uma presença ativa e protetora. Chorar a perda da vida não basta se não formos capazes de dar um novo sentido à vida. A omissão diante da dor humana é a mesma negligência que permite o deserto avançar sem perspectivas.

O amadurecimento de uma civilização se mede pelo amor que ela estende ao futuro e pelo espaço que reserva aos mais indefesos. Vivemos em um tempo apressado, que consome o presente e o amanhã, esquecendo-se das gerações que ainda herdarão este chão. Precisamos substituir a pressa do acúmulo pela calma do cultivo. O verdadeiro valor de uma cultura reside na sua capacidade de reparar o que foi banalizado, consolar o que chora e priorizar o bem-estar da alma sobre o acúmulo de coisas. Só assim deixaremos de ser predadores e passaremos a ser semeadores.

Essa grande mudança começa no olhar da infância, quando ensinamos os pequenos a escutar o silêncio, a respeitar o diferente e a repudiar a violência. Uma educação que foca apenas no sucesso e na competição cria mentes brilhantes, mas corações sem sentido de vida. Precisamos de escolas e lares que ensinem a arte da convivência, o valor do afeto e a sensibilidade diante da dor alheia. Quando plantamos a semente da não violência no coração de uma criança, estamos protegendo também as árvores do futuro. Cidadãos educados para amar o semelhante serão, por natureza, os protetores da Terra, da nossa Casa Comum.

O caminho para o amanhã se constrói nos pequenos cuidados diários, isto é, no prato que partilhamos, no abraço que conforta e no respeito à vida humana como bem maior. Não precisamos nos paralisar diante do tamanho do mundo. Proteger os vulneráveis, estender a mão aos caídos e vigiar a segurança de cada infância são os tijolos invisíveis de um pacto eterno com a existência. Ao salvarmos o ser humano da sua própria brutalidade, devolvemos ao mundo a esperança e garantimos que a Terra continue a ser o nosso lar.

CUIDAR DA TERRA PARA CUIDAR DE NÓS: AVANÇOS NA SAÚDE ÚNICA

Olhar para o mundo hoje revela que a separação entre a humanidade e a natureza é uma construção puramente ilusória da nossa mente. A saúde humana não existe de forma isolada. Ela pulsa em perfeita consonância com a vitalidade das florestas, dos rios e das demais espécies. No instante em que os ecossistemas adoecem, o declínio da nossa própria qualidade de vida é imediato. Essa dinâmica indelével serve como prova de que a nossa integridade física e mental depende, estritamente, da harmonia invisível de tudo o que nos cerca.

É sob essa perspectiva que se consolida a **Saúde Única**, um conceito que atua como um despertar indispensável para a realidade global. Essa abordagem integra as esferas humana, animal e ambiental em uma matriz única de preservação e cuidado. No passado, as estruturas sociais fragmentavam essas áreas em compartimentos estanques, de forma a ignorar que a emergência de novas enfermidades decorre, intrinsecamente, da destruição ecológica. Avançar rumo a essa nova consciência significa admitir que a integridade da natureza constitui a nossa maior garantia de segurança coletiva.

Nos últimos anos, essa base conceitual transcendeu a teoria e se converteu em prática efetiva no cotidiano das populações. Inúmeras iniciativas comunitárias evidenciam o modo como o desmatamento e as oscilações climáticas projetam riscos severos à saúde pública global. Este progresso ultrapassa os limites dos centros de pesquisa e se fortalece à medida que cientistas e lideranças locais compreendem que a mitigação do impacto ambiental gera retornos muito mais eficazes do que a contenção tardia de crises sanitárias.

Nesse processo evolutivo, a educação ambiental assume o papel de eixo propulsor da transformação social. A sua atuação supera o mero ensino prático de hábitos domésticos de conservação. O propósito central reside na formação de cidadãos conscientes de suas escolhas. No momento em que as instituições de ensino e os movimentos locais traduzem a complexidade científica em ações práticas, o zelo pelo ecossistema deixa de ser uma imposição externa e assume o caráter de um pacto definitivo com a existência.

Avançar na Saúde Única exige também uma profunda redefinição dos conceitos de sucesso e progresso. O crescimento econômico fundado na degradação da Terra cobra um preço impagável, traduzido em poluição sistêmica, em escassez hídrica e no surgimento de

novas patologias do corpo e da mente. Em contrapartida, modelos inovadores de desenvolvimento urbano atestam a viabilidade da produção e do trabalho em perfeita consonância com os ciclos ecológicos e com a regeneração do solo.

Essa mudança de perspectiva vai além da teoria. Ela se traduz em um convite urgente para o resgate da empatia e do zelo pelo território que habitamos. Cada escolha cotidiana, desde o consumo consciente até o apoio ativo a iniciativas socioambientais, reverbera na teia invisível que sustenta a integralidade da vida. O cuidado com o solo, a salvaguarda dos recursos hídricos e o respeito à fauna deixam de ser meras atitudes isoladas e se consolidam como testemunhos reais da nossa responsabilidade com o amanhã.

O maior avanço da Saúde Única reside na certeza de que a construção do amanhã exige a corresponsabilidade e a união de todos, hoje. A regeneração do Planeta é um exercício diário, que nasce no instante em que a humanidade se reconhece como parte integrante desta grande engrenagem viva. Com a salvaguarda da integridade da Terra, asseguramos que as futuras gerações herdem um mundo onde a vida, em toda a sua plenitude, encontre espaço para prosperar com saúde, harmonia e dignidade.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DIÁLOGO ENTRE CONHECIMENTO CIENTÍFICO E TRADICIONAL

A convergência entre o rigor da ciência contemporânea e a profundidade dos saberes ancestrais constitui o alicerce da educação ambiental verdadeiramente integradora. Em vez de hierarquizar formas de entender o mundo, essa abordagem propõe uma **ecologia de saberes**, conforme discutido em publicações da UNESCO sobre Conhecimentos Locais e Indígenas. A observação empírica de comunidades tradicionais sobre ciclos naturais e a biodiversidade dialoga com as evidências técnicas e laboratoriais. Ao validar e integrar essas diferentes cosmovisões, a prática educativa deixa de ser mera transmissão de dados para se tornar um espaço de mediação cultural, essencial para enfrentar a complexidade da crise climática e promover o que o Ministério da Educação define como o fortalecimento da cidadania e da sustentabilidade socioambiental.

A ecologia de saberes, conceito central na obra de Boaventura de Sousa Santos, propõe a superação da exclusividade do conhecimento científico em favor de uma convivência democrática entre diferentes formas de compreender o mundo. Na prática da educação

ambiental, essa perspectiva reconhece que a ciência, embora essencial, não possui o monopólio da verdade sobre a natureza. Saberes populares, indígenas e tradicionais trazem respostas vitais para a regeneração de ecossistemas que o racionalismo técnico muitas vezes ignora. A ecologia de saberes rompe, na prática, com a exclusividade do saber técnico ao integrar, de forma horizontal, o conhecimento científico ao saber popular, de modo a criar soluções locais mais justas e sustentáveis para os desafios ambientais.

Ao promover esse diálogo horizontal, a educação ambiental deixa de ser uma imposição de conceitos para se tornar um processo de tradução intercultural, em que a validação mútua de experiências cria soluções socioambientais mais robustas, éticas e conectadas à realidade local, com base nas seguintes estratégias:

- Realizar diagnósticos participativos em que a comunidade identifica problemas ambientais e apresenta soluções baseadas em sua história e práticas ancestrais, utilizando ferramentas como o Mapeamento Social e a Cartografia Social.
- Promover encontros entre estudantes, técnicos e anciãos da comunidade para debater as mudanças na paisagem local, validando a memória oral como dado relevante para a gestão do território.

- Desenvolver projetos (como filtros de água ou hortas comunitárias) que integrem o conhecimento técnico-científico ao uso de materiais locais e de técnicas tradicionais, focando na autonomia tecnológica dos participantes.
- Criar espaços de experimentação onde pesquisadores e moradores testam soluções sustentáveis, de forma participativa e colegiada, de modo a garantir que a linguagem científica seja traduzida para a prática cotidiana e vice-versa.
- Utilizar artes, narrativas poéticas e mitos locais para expressar conceitos ecológicos complexos, facilitando a tradução intercultural e o pertencimento emocional ao tema.
- Institucionalizar o diálogo horizontal em comitês locais e conselhos de escolas, a fim de garantir que o voto e a voz do saber popular tenham o mesmo peso que o parecer técnico na tomada de decisão.

SAÚDE ÚNICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONEXÕES VITAIS

A **Saúde Única** (*One Health*) é uma abordagem integrada e sistêmica que reconhece a interdependência e a íntima interconexão entre a saúde humana, animal e ambiental, tornando a educação ambiental sob essa lente um pilar fundamental para transformar nossa relação com o consumo e o descarte. Mais do que apenas separar resíduos, essa perspectiva promove uma consciência crítica sobre o ciclo de vida dos produtos, ensinando que cada objeto descartado incorretamente rompe o equilíbrio do Planeta e gera impactos em cadeia que afetam diretamente a saúde humana, a fauna e a flora.

O fortalecimento das associações de reciclagem constitui um dos eixos centrais da **Saúde Única**, visto que a destinação correta e higienizada de materiais, como papel, plástico, metal e vidro, fornece a matéria-prima essencial para a economia circular e mitiga diretamente a degradação ambiental. Essa triagem qualificada não apenas protege as comunidades de catadores contra vulnerabilidades socioeconômicas e riscos sanitários imediatos, promovendo justiça social e saúde ocupacional, mas também atua como uma

barreira ecológica crucial, pois resíduos mal manejados perdem valor de mercado e atraem pragas urbanas e vetores de doenças. Sob a perspectiva da complexidade biológica, o descarte negligenciado de plásticos expostos às intempéries resulta em sua fragmentação em microplásticos, contaminantes persistentes que penetram na cadeia alimentar da fauna silvestre e domesticada e, por via trófica, alcançam o organismo humano, onde passam a atuar severamente como desreguladores endócrinos e ameaças à saúde global.

Além do aspecto socioeconômico, o envio de recicláveis para associações evita que esses materiais sobrecarreguem os aterros sanitários. Quando reciclamos, prolongamos a vida útil dos espaços de descarte e reduzimos a necessidade de extração de novos recursos naturais. Isso preserva habitats naturais, reduzindo o estresse sobre a biodiversidade e evitando que animais silvestres entrem em contato direto com patógenos urbanos.

A abordagem da **Saúde Única** alerta-nos, nessa direção, para o manejo diferenciado do lixo não reciclável, o chamado rejeito. Itens como papel higiênico usado, fraldas descartáveis e absorventes carregam alta carga biológica e microrganismos. O descarte incorreto desses resíduos pode contaminar o solo e os

lençóis freáticos com patógenos, propagando infecções que ameaçam tanto o abastecimento de água para consumo humano como a vida animal e selvagem.

Entender o que é rejeito é crucial para não inviabilizar o lote de materiais recicláveis e prevenir crises sanitárias. A falta de informação faz com que resíduos orgânicos e rejeitos sejam misturados aos recicláveis. Esse ambiente acelera a decomposição, gera odores e atrai vetores de doenças (como ratos, baratas e mosquitos), transformando os centros de triagem em focos de proliferação de zoonoses que ameaçam os trabalhadores e os bairros vizinhos.

A educação ambiental, na perspectiva da **Saúde Única**, atua de forma proativa no desenvolvimento da responsabilidade compartilhada e no fortalecimento das barreiras de biossegurança coletiva. Considerando que o gerador do resíduo constitui o primeiro elo de uma complexa rede sanitária protetiva, o manejo correto e a triagem segura de materiais, como os rejeitos biológicos e os perfurocortantes, mitigam diretamente os riscos de contaminação e a proliferação de vetores biológicos. Resguardar os profissionais da higienização, da limpeza urbana e da reciclagem contra acidentes biológicos e infecções ocupacionais ultrapassa a esfera da segurança do trabalho. Trata-se de salvaguardar a

própria base da saúde comunitária e planetária, impedindo que patógenos humanos alcancem nichos ecológicos externos e causem desequilíbrios sistêmicos nas populações animais e ambientais periféricas.

Educar para o cuidado do meio ambiente à luz da **Saúde Única** constitui-se, portanto, em um imperativo ético e técnico para a preservação da integridade biológica da Terra. Essa abordagem transversal transforma a gestão de resíduos em uma estratégia vital de governança pública, biossegurança e vigilância em saúde. Ao integrar a conscientização crítica sobre o consumo à mitigação de riscos sanitários, o processo educativo fortalece as barreiras protetivas contra zoonoses, contaminações ambientais e agravos ocupacionais. Dessa forma, consolida-se um modelo de desenvolvimento sustentável capaz de garantir, de forma simbiótica e equitativa, uma só saúde para os seres humanos, para as populações animais e para os ecossistemas interdependentes que compartilham.

INTERDEPENDÊNCIA COMO ROTA DE SOBREVIVÊNCIA

A crise climática atual é, no fundo, um teste para a nossa capacidade de olhar para o outro. Durante séculos, vivemos sob a ilusão de que somos seres isolados e de que a natureza é apenas um cenário a ser explorado. O colapso ambiental, porém, ignora cercas e classes sociais. Ele nos força a encarar uma verdade esquecida: tudo está conectado. A interdependência não é uma escolha poética, mas a única rota de sobrevivência.

Habitar a Terra é tecer uma vida em conjunto. Na saúde, esse elo é visível e profundo. O microplástico que polui os oceanos chega à placenta que nutre o feto. O ar poluído das cidades molda os pulmões da próxima geração. Quando percebemos que o cordão umbilical humano está ligado ao cordão que sustenta florestas e rios, o cuidado muda de sentido. A ecologia deixa de ser uma lista de tarefas burocráticas e se torna um estado de comunhão e responsabilidade mútua.

Para superar a visão fragmentada de que as ciências da saúde tratam apenas corpos isolados, faz-se urgente a adoção de um novo paradigma integrador, sustentado pela sinergia entre a Teoria dos Sistemas Vivos e o paradigma da Saúde Única (One Health).

Essa abordagem robusta reconecta a Enfermagem ao legado ambientalista de Florence Nightingale e à visão sistêmica de Fritjof Capra, compreendendo que a saúde não habita um organismo estanque, mas emerge da troca contínua e indissociável entre os seres humanos, os animais e o meio ambiente. Sob essa ótica ecocêntrica, evidências empíricas internacionais revelam que fenômenos críticos, como a emergência de novas doenças infecciosas e o avanço da desnutrição infantil, são respostas sistêmicas diretas à degradação climática e à perda de biodiversidade. Assim, restauração e cura individual tornam-se impossíveis sem a preservação concomitante e o equilíbrio do ecossistema global.

Reconhecer a interconexão radical da vida exige traduzir os alicerces teóricos em comportamentos institucionais e pedagógicos tangíveis, materializando a sobrevivência da Enfermagem na intersecção com o ensino superior por meio de ações práticas e afirmativas. Essa práxis transformadora se consolida, primeiramente, ao reestruturar os planos de ensino para que as mudanças climáticas e o racismo ambiental assumam o papel de eixos centrais na determinação do processo saúde-doença, em vez de figurarem como temas marginais. No campo assistencial, essa consciência se desdobra na implementação de protocolos rígidos de

segregação de resíduos e na substituição de insumos poluentes por alternativas ecoeficientes, mitigando o impacto direto do descarte na saúde das águas locais. Paralelamente, o cuidado se expande ao prescrever o contato com a natureza no acompanhamento pediátrico e pré-natal para fortalecer a imunidade e o bem-estar mental, bem como ao estimular hortas agroecológicas comunitárias em escolas e unidades de saúde, uma estratégia que combate a insegurança nutricional materno-infantil e encurta circuitos de transporte para reduzir as emissões de carbono.

Romper com o isolamento do individualismo predatório exige despertar para a sacralidade da interdependência radical que sustenta a vida. Plantar uma semente hoje, ciente de que a sombra da árvore acolherá apenas as próximas gerações, constitui o ato mais puro e legítimo de cidadania ecológica. Essa escolha traz em si a compreensão exata de que a nossa maior e mais digna herança não será medida pelo acúmulo material ou pelo consumo imediato, mas pelo valor de termos sido o elo consciente e ativo que manteve viva a complexa sinfonia do Planeta. Afinal, a sustentabilidade real só se manifesta quando a nossa própria humanidade se reconhece como parte integrante da grande teia da vida.

Questões para reflexão:

- Até quando vamos acreditar que nossas escolhas de consumo são individuais, se a poluição gerada longe daqui afeta o oxigênio de uma gestante em nossa comunidade?
- Quais atitudes concretas nós podemos adotar hoje para que a nossa passagem pela Terra seja lembrada pelo cuidado e não pela destruição?
- Como transformar nossas universidades e hospitais em espaços que ensinam e praticam a união entre a saúde humana e a do Planeta?
- De que forma a destruição da natureza e a perda de espécies afetam diretamente a saúde e o sofrimento das mães e crianças mais vulneráveis?
- O que falta para que a empatia ecológica guie de verdade os nossos hábitos diários e a nossa ética profissional?

INTEREXISTÊNCIA: NÓS SOMOS A TERRA EM MOVIMENTO

Cuidar não significa apenas preservar o que existe, mas permitir que o futuro se regenere. É transformar a nossa passagem pela Terra em uma obra de arte biológica, em que a nossa identidade é revelada não pelo que acumulamos, mas pela vida que ajudamos a despertar ao nosso redor. O verdadeiro sentido de (com)viver alcança, assim, um significado de interexistência, que se traduz na compreensão de que não estamos apenas na Terra. Nós somos a Terra em movimento.

A crise climática atual não é apenas um problema ambiental a ser resolvido com tecnologia, mas um sintoma de um vazio ontológico. O novo pensamento sustentável propõe que a sustentabilidade não seja unicamente um objetivo de desenvolvimento, mas a consequência natural de uma humanidade que se reconhece como o sistema imunológico do Planeta.

Nesse sentido, emerge o "novo ser humano", que evolui como um ser integral. Este não apenas "cuida" da natureza como algo externo, mas entende que cada ação sua é uma batida do coração do ecossistema. A revolução nas mentes e corações acontece quando

percebemos que a “Casa Comum” não é um abrigo, mas a Terra em movimento.

Para que essa interexistência não se perca na teoria, a prática diária exige uma alfabetização ecológica no ser e no agir humanos. No campo da ação, o humano-simbiótico deve adotar a escuta ativa dos ecossistemas que habita. Isso significa que, antes de qualquer intervenção, seja uma obra urbana ou o descarte de um resíduo, devemos nos perguntar: *esta ação fortalece ou interrompe o fluxo de vida desta Terra em movimento?* A prática começa no consumo que prioriza ciclos regenerativos, favorecendo economias que nutrem o solo e a dignidade humana, transformando o ato de compra em um voto de vitalidade para a rede biótica.

A regeneração demanda o cultivo de comunidades de cuidado. A prática da sustentabilidade regenerativa é, por natureza, coletiva. Ela se manifesta na ocupação consciente de espaços públicos, na criação de hortas comunitárias e no resgate de saberes tradicionais que já entendiam a simbiose. É necessário transitar da eficiência individual para a resiliência compartilhada, em que o sucesso de uma iniciativa é medido pela quantidade de vida, saúde e bem-estar que ela consegue despertar e sustentar ao seu redor, agindo como um nó consciente de uma rede interconectada.

A prática do humano-evoluído exige o exercício do pensamento - agir hoje com a consciência de que nossas decisões moldam a herança que deixaremos para as próximas gerações. Isso implica educar e ser educado para a percepção de que cada gesto de cuidado, por menor que seja, é uma contribuição direta para a integridade da "Casa Comum", assegurando que a vida continue a evoluir em sua máxima complexidade e beleza.

Para que essa filosofia se torne a nova norma, é preciso que a percepção simbiótica transcenda o esforço individual e se manifeste como uma cultura regenerativa. Isso implica redesenhar nossos sistemas de convivência para que a proteção da vida não seja um custo, mas o valor central de toda atividade humana. Ao integrarmos essa consciência ao cotidiano, deixamos de ser apenas usuários do Planeta para nos tornarmos seus coautores, estabelecendo uma ética em que o sucesso pessoal é indissociável da saúde dos biomas que nos sustentam.

No plano sistêmico, essa evolução exige o compromisso de projetar o presente com o olhar voltado para o horizonte das gerações futuras, garantindo que a herança cultural e natural permaneça em expansão. O humano-simbiótico atua, portanto, como um guardião da continuidade, o que significa substituir a pressa

pela profundidade e a exploração pela colaboração mútua. Ao vivermos com essa responsabilidade universal, honramos a complexidade da vida e asseguramos que o nosso legado seja uma Terra não apenas preservada, mas vibrante, diversa e plenamente capaz de seguir sua própria jornada evolutiva.

O CUIDADO AMBIENTAL COMO IDENTIDADE E SOBREVIVÊNCIA

O mundo clama por um ser humano novo, capaz de reconstruir a história com ternura e reverência. Hoje, somos chamados a uma fraternidade sem fronteiras e a uma responsabilidade que abraça desde o menor inseto até o irmão mais distante. Aquele que cuida do que faz revela a luz que carrega na alma; afinal, o cuidado é o espelho da nossa identidade. Quem age com afeto e atenção reconhece a presença do Altíssimo em cada criatura, preservando a integridade e a beleza de tudo o que nasce da terra. O cuidado é, portanto, a força que sustenta o mundo contra o desgaste e o abandono - o sopro que mantém viva a chama da existência.

Essa postura diante do meio ambiente transcende a mera gestão de recursos naturais, refletindo nossa maturidade ética. Ao zelarmos pela integridade dos ecossistemas, não cumprimos apenas uma agenda técnica, mas expressamos nossa essência como seres interdependentes. A forma como tratamos a terra, a água e a biodiversidade revela se nos percebemos como dominadores isolados ou como parte integrante de uma teia viva, em que cada gesto de zelo molda quem somos diante da história.

Nesse novo tempo, a sustentabilidade deixa de ser um conceito abstrato para se tornar um modo de vida pulsante. Tal transição exige uma revolução de valores, substituindo a cultura do descarte pela ética da preservação. Entender a Terra como "Casa Comum" implica assumir uma responsabilidade universal que une o destino da humanidade ao da natureza. Assim, a identidade contemporânea define-se pela capacidade de proteger o que é vivo, transformando o cotidiano em um ato de reverência à existência.

A conexão entre cuidado e sobrevivência é absoluta. Assim como o indivíduo não subsiste sem o amparo de outrem, a humanidade não perdurará em um planeta exaurido. O cuidado atua como força vital contra a entropia, prolongando a existência das espécies e garantindo a regeneração da natureza. Cuidar do ambiente é um ato de legítima defesa e um compromisso com a continuidade das gerações. Ao harmonizar nossas práticas diárias, estabelecemos um novo sentido para a vida, em que a competência técnica se une ao envolvimento afetivo sob a luz da solidariedade planetária.

Na vida diária, esse modo de ser manifesta-se na revisão consciente do consumo, transformando a economia doméstica em um exercício de zelo. Repensar o cotidiano significa optar por produtos que respeitem

os ciclos naturais e apoiar produções regenerativas. Cada escolha, da redução do desperdício à opção por energias limpas, deixa de ser burocracia para se tornar um gesto de ternura à Criação. Ao agirmos coletivamente em projetos de reflorestamento e educação, demonstramos que nossa identidade se expande para um "nós" que inclui todos os seres, fazendo do cuidado a força motriz de uma nova engenharia social.

Diante desse horizonte, resta-nos o questionamento fundamental: que tipo de marcas queremos deixar no solo que nos sustenta e no coração daqueles que virão depois de nós? Se o cuidado é, de fato, o espelho da nossa alma, o que o estado atual da nossa "Casa Comum" revela sobre quem nos tornamos? Estamos prontos para abandonar a arrogância de senhores da natureza e assumir a humildade de seus guardiões? A resposta não reside em grandes tratados, mas na disposição íntima de cada ser humano em reconstruir sua própria história. Afinal, se o cuidado é a única força capaz de deter o declínio da vida, de que você escolhe cuidar hoje para que o amanhã ainda possa florescer?

O RASTRO DA ANESTESIA: POR QUE IGNORAMOS AS LIÇÕES DE 2024?

Os eventos extremos de 2024 retornaram à nossa memória. Eles não surgem como meras estatísticas ou relatórios distantes, mas como cicatrizes visíveis de uma realidade que volta a bater à nossa porta. Os desastres socioambientais vividos naquele ano expuseram a fragilidade das nossas cidades e o esgotamento de um estilo de vida que consome o mundo sem pensar no amanhã. Diante desse cenário, a educação ambiental precisa deixar de ser um conceito abstrato nos livros para se transformar em um manifesto de sobrevivência e sensibilidade urbana. Ela é o fio condutor capaz de redefinir nossa relação com a matéria e o consumo, mostrando que curar os traumas de 2024 exige compreender que os grandes ciclos da Mãe Terra começam na intimidade das nossas escolhas diárias.

O aprendizado mais profundo e humano que aquele ano de dor nos deixou foi a certeza de que ninguém se salva sozinho. A verdadeira força de uma comunidade reside nos laços invisíveis de solidariedade que ela cultiva. Um exemplo vivo dessa teia de apoio mútuo pulsa no trabalho silencioso das associações de

reciclagem. Olhar para o que descartamos e escolher o caminho do cuidado não é o cumprimento de um protocolo burocrático, mas um rito de reverência à vida em sua totalidade. Esse gesto simples honra a existência e o sustento de milhares de mãos que se dedicam a resgatar e dar dignidade ao que a sociedade rejeita.

Proteger as nossas cidades das fúrias do clima não é uma tarefa que pertence apenas às grandes obras de engenharia, mas é uma construção que nasce da mudança de postura e da cura dos nossos hábitos em família. O desleixo com os nossos rastros atua como uma ameaça silenciosa que sufoca o solo e paralisa o fluxo das cidades. Para evitar o colapso dos nossos espaços sagrados de convivência, precisamos reaprender a contemplar o ciclo de tudo o que tocamos. Cada elemento que passa por nossas cozinhas carrega o potencial de nutrir ou de destruir. Permitir que a matéria orgânica apodreça no esquecimento é alimentar os gases que aquecem o Planeta, enquanto o ato de devolver esses restos à terra, por meio da compostagem, torna-se uma atitude respeitosa e coletiva. A terra regenerada devolve vida ao solo, purifica o ar e interrompe o ciclo de destruição.

O principal legado que emerge em face das transformações do clima é a consolidação de uma

responsabilidade compartilhada que é, antes de tudo, ética, moral e espiritual. Não podemos mais nos dar ao luxo de romper nosso vínculo com o mundo no instante em que fechamos um saco de lixo e o deixamos na calçada. Somos o primeiro elo de uma corrente sagrada que sustenta a integridade do Planeta e a justiça entre os povos. Quando a sociedade assume ativamente o pacto do cuidado com o descarte, a harmonia restabelecida retorna na forma de paz e qualidade de vida para todos.

Educar para o meio ambiente transcende o dever civil e alcança o maior e mais urgente ato de amor e soberania. Olhar para o nosso lixo diário com atenção é a única garantia de que estamos, passo a passo, pavimentando um amanhã minimamente sustentável, seguro e acolhedor para as próximas gerações. No entanto, se as lições das tragédias de 2024 pareciam tão nítidas, por que a nova crise de 2026 nos encontra repetindo as mesmas falhas e os mesmos desleixos? A dor dos desastres é realmente capaz de transformar o nosso pensar e agir, ou a sociedade desenvolveu uma espécie de anestesia coletiva, assistindo apática à repetição do próprio fim?

A RESPONSABILIDADE QUE TAMBÉM É MINHA

A barreira entre a exclusão social e a dignidade de uma família está, frequentemente, dentro de um saco de lixo mal separado. Quando ignoramos o destino do que consumimos, tornamos invisíveis os milhares de trabalhadores que dependem dos nossos resíduos para sobreviver. O descarte consciente não é apenas uma meta ecológica, mas, antes de tudo, um ato de reconhecimento da dignidade do outro e de empatia com quem sustenta a limpeza das nossas cidades.

Atrás de cada fardo de papel ou plástico prensado em uma associação de reciclagem, existe a história de um pai ou uma mãe de família que encontra no que "sobrou" da nossa casa a fonte de sua dignidade. Para esses profissionais, o material reciclável não é rejeito, mas um salário. Quando entendemos que nossas escolhas domésticas impactam diretamente a renda mensal de uma comunidade local, passamos a consumir e descartar com muito mais respeito.

A verdadeira justiça social começa em nossa casa. Lavar uma embalagem de iogurte ou retirar o resto de alimento de um pote não é apenas uma tarefa doméstica, mas uma prova de respeito à integridade física do

reciclador. O material limpo garante que o trabalhador não seja exposto a doenças e que possa manusear os recursos com a segurança e a higiene que qualquer profissão exige.

Infelizmente, a falta de cuidado na separação ainda é o maior inimigo da saúde nas associações. O descarte irresponsável de seringas, cacos de vidro ou fraldas junto aos recicláveis transforma o ambiente de trabalho desses agentes em um campo de riscos constantes. Ser consciente é entender que nossa responsabilidade não termina quando o caminhão passa; ela se estende até as mãos de quem vai triar cada item que enviamos.

Quando a comunidade se une para separar o material de forma correta, ela está, na prática, aumentando o valor do trabalho do coletor. Materiais misturados e sujos perdem valor de mercado, enquanto resíduos bem selecionados permitem que as associações negociem preços melhores. Assim, o tempo dedicado à separação se converte diretamente em poder de compra e melhoria de vida para as famílias da sua região.

O impacto social da reciclagem também se reflete na ocupação produtiva e na inclusão. Muitas associações oferecem a oportunidade do primeiro emprego ou a reintegração de pessoas que estavam à margem do mercado de trabalho. Ao fortalecer esse ciclo, estamos

ajudando a criar uma rede de proteção social que transforma cidadãos antes invisíveis em agentes fundamentais da saúde pública e da economia verde.

A economia solidária, alimentada pela nossa separação diária, mantém o dinheiro circulando na própria cidade. Reciclar é, portanto, uma forma de investir na economia da sua própria comunidade. Além da geração de renda, o descarte consciente promove a educação e o orgulho comunitário. Crianças que crescem vendo os pais respeitarem o trabalho dos recicladores tornam-se adultos mais humanos e conscientes do seu papel no mundo. Essa herança de cuidado rompe o ciclo do descaso e constrói uma sociedade que não aceita o desperdício, nem de recursos, nem de vidas humanas.

O poder que temos nas mãos ao segurar uma simples embalagem é imenso. Nós podemos condená-la ao aterro, onde não serve a ninguém, ou enviá-la para as mãos de quem a transformará em sustento. Escolher a segunda opção é apostar no poder da transformação. É converter o ato mecânico de jogar algo fora em um compromisso silencioso de suporte mútuo e fraternidade urbana.

O legado de uma cidade educada que cuida e recicla não é medido apenas em toneladas de plástico desviadas dos rios, mas na qualidade de vida e na autoestima de seus habitantes. A reciclagem humanizada nos

ensina que nada e ninguém deve ser descartado. Vamos transformar nossa rotina em uma corrente de apoio social, garantindo que o futuro seja sustentável tanto para o Planeta quanto para as pessoas que nele habitam.

RECICLAGEM OU LIXO: QUAL A DIFERENÇA?

Frequentemente, olhamos para o que sobra do nosso dia a dia e vemos apenas **lixo**. No entanto, a educação ambiental nos convida a mudar essa lente. O que sai das nossas casas pode ser o fim de um problema ou o início de uma nova oportunidade e o meio de subsistência para muitas pessoas. Reciclar não é apenas um processo industrial, é um gesto de cidadania que começa em nossa casa, em nossas atitudes.

As associações de reciclagem são o coração pulsante desse ciclo. Ao separarmos o papel, o plástico, o vidro e o metal, não estamos apenas limpando a casa, mas fornecendo o sustento de milhares de trabalhadores. Para essas famílias, o seu cuidado com o descarte é o que garante a comida e a dignidade de quem transforma resíduos em novos recursos.

O segredo para uma reciclagem que funciona de verdade está na organização e na separação correta dos resíduos. Uma embalagem lavada e seca não é apenas um objeto limpo, mas uma prova de respeito pelos catadores de materiais recicláveis. Esse pequeno gesto evita o mau cheiro, afasta doenças e valoriza o material,

de modo que a associação consiga um preço melhor pelo esforço de seu trabalho diário.

Precisamos, para tanto, de bom senso, boa vontade e responsabilidade para separar o que é recurso do que é rejeito. O lixo de banheiro, as fraldas, os materiais contaminados e perfurocortantes não devem chegar às mãos das associações. Quando misturamos esses itens, colocamos em risco a saúde dos trabalhadores e invalidamos todo o esforço de separação que a comunidade fez até ali.

O descarte correto é uma escolha consciente que alivia o trabalho das centenas de pessoas que trabalham diariamente em associações de reciclagem. Cada quilo de material que chega limpo a uma associação é um quilo a menos sobrecarregando aterros e poluindo nossos rios. É a nossa chance de devolver à natureza um pouco do muito que ela nos oferece diariamente.

Até o que parece inútil, como os restos de comida, tem o seu lugar. Por meio da compostagem, o orgânico vira vida e adubo, fechando um ciclo de respeito pela terra. Educar-se ambientalmente é aprender que o mundo é finito e que nossa inteligência deve ser usada para reaproveitar tudo o que for possível.

Essa nova cultura exige que sejamos o primeiro elo de uma corrente de bem. Quando você separa o

seu resíduo, você se torna aliado de um projeto sustentável maior: a construção de uma cidade mais limpa, de uma economia que não desperdiça e de uma sociedade que valoriza o ser humano por trás de cada fardo de reciclagem.

Investir cinco minutos do nosso dia para organizar o descarte é um investimento direto na qualidade de vida de todos. Menos lixo nas ruas significa menos bueiros entupidos, menos enchentes e mais recursos públicos sendo usados para saúde e educação, em vez de apenas remediar os danos do descaso.

A reciclagem é uma ferramenta de justiça social. Ela empodera o trabalhador da limpeza, gera renda local e mantém o dinheiro circulando dentro da nossa própria comunidade. É a prova viva de que a ecologia e a economia podem, e devem, caminhar de mãos dadas.

Ao final do dia, a pergunta que fica é: o que você deixou para o mundo hoje? O legado do seu consumo é um peso para o Planeta ou uma semente de transformação? Que valor você deu ao trabalho de quem limpa a sua cidade? Ao escolher o descarte correto e apoiar as associações, sua resposta será um legado de cuidado e renovação. Vamos juntos transformar o lixo em futuro sustentável e a separação em possibilidade transformadora.

O QUE APRENDEMOS COM A TRAGÉDIA CLIMÁTICA DE 2024? EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SAÚDE ÚNICA: CONECTANDO HUMANOS, ANIMAIS E ECOSSISTEMAS

A educação ambiental é o pilar fundamental para transformar a nossa relação com o consumo e o descarte. Mais do que apenas separar o lixo, ela promove uma consciência crítica sobre o ciclo de vida dos produtos, ensinando que cada objeto descartado tem um destino ideal e um impacto direto no equilíbrio do Planeta.

Um dos pontos centrais dessa educação é o fortalecimento das associações de reciclagem. Ao compreendermos a importância de destinar materiais recicláveis corretamente, estamos fornecendo a matéria-prima que sustenta milhares de famílias de catadores e trabalhadores que dependem da economia circular para sua subsistência.

Separar o papel, o plástico, o metal e o vidro de forma limpa e organizada facilita o trabalho dessas associações, aumentando a produtividade e a qualidade do material que volta para a indústria. A educação ambiental ensina que um material reciclável sujo ou misturado perde seu valor de mercado e acaba sendo desperdiçado.

Além do aspecto econômico, o envio de recicláveis para associações evita que esses materiais sobrecarreguem os aterros sanitários. Quando reciclamos, prolongamos a vida útil dos espaços de descarte e reduzimos a necessidade de extração de novos recursos naturais, economizando energia e água no processo industrial.

Por outro lado, a educação ambiental também nos alerta para o lixo que não serve para a reciclagem, o chamado rejeito. Itens como papel higiênico usado, fraldas descartáveis, absorventes e certos tipos de adesivos ou cerâmicas devem ter um manejo diferenciado para não contaminar o que ainda pode ser reaproveitado.

Entender o que é rejeito é crucial para não inviabilizar o lote de materiais recicláveis. Muitas vezes, por falta de informação, descartamos resíduos orgânicos ou rejeitos junto com os recicláveis, o que gera odores, atrai vetores de doenças e estraga o trabalho minucioso realizado pelos centros de triagem.

O lixo orgânico, embora não vá para a associação de reciclagem de resíduos secos, possui uma importância vital. Por meio da compostagem - outra prática ensinada pela educação ambiental - restos de alimentos podem se transformar em adubo, retornando à terra de forma produtiva em vez de apodrecerem em lixões.

A educação ambiental atua, portanto, no desenvolvimento da responsabilidade compartilhada. Ela nos mostra que o gerador do resíduo (nós, em nossas casas e empresas) é o primeiro elo de uma corrente que termina na preservação ambiental e no respeito social aos profissionais da limpeza e da reciclagem.

Quando a sociedade investe em aprender sobre o descarte correto, os custos públicos com a gestão de resíduos diminuem. Esse recurso economizado pode ser reinvestido em infraestrutura urbana, parques e mais projetos educativos, criando um ciclo de benefícios que retorna diretamente para a população.

Em última análise, educar para o meio ambiente é um ato de cidadania. Ao respeitarmos a separação entre o que é reciclável e o que é rejeito, garantimos um futuro mais sustentável, em que o lixo deixa de ser um problema invisível para se tornar uma oportunidade de renovação e justiça social.

REPENSE AS SUAS ATITUDES SUSTENTÁVEIS: LIDERE A MUDANÇA

Cuidar do Planeta não é um conceito bonito, distante ou abstrato, mas uma decisão real que tomamos diariamente dentro de nossa própria casa. Quando escolhemos mudar um pequeno hábito, deixamos de ser espectadores da destruição da natureza para nos tornarmos os verdadeiros autores e líderes da mudança. O futuro da nossa comunidade e da Terra não depende de promessas de grandes governos, mas do poder de transformação que está em mim, em você e em cada um de nós.

Assumir o controle do nosso consumo de água é o primeiro grande passo para proteger a vida que nos cerca. Atitudes simples e possíveis, como reduzir o tempo do banho e fechar a torneira enquanto ensaboamos as mãos, evitam o desperdício de um recurso precioso que já faz falta em muitas cidades. Economizar água hoje é garantir que as próximas gerações também tenham acesso a esse recurso básico em suas torneiras.

A nossa conta de luz esconde um segredo poderoso para despoluir o Planeta com inteligência e atitude dentro do próprio lar. Trocar as lâmpadas antigas por lâmpadas de LED mais eficientes e criar o hábito de

retirar os aparelhos da tomada quando não estão em uso evitam o desperdício invisível que pesa na nossa rotina. Cada watt que escolhemos economizar não é apenas um alívio financeiro no fim do mês, mas uma lâmpada acesa para o futuro, um abraço de cuidado com os rios e florestas que geram a energia, ou seja, a prova viva de que a nossa casa apoia uma Terra muito mais limpa e respirável.

A nossa cozinha é outra ferramenta fantástica para combater o desperdício e apoiar a produção de alimentos da nossa própria região. Ao planejar as compras para usar os alimentos por inteiro e priorizar as feiras do bairro, nós valorizamos o trabalho dos pequenos produtores e evitamos que o alimento vá parar no lixo. Esse cuidado simples reduz o descarte nos aterros e valoriza a terra que alimenta todos nós. Dar um basta definitivo nos plásticos descartáveis é uma das missões mais urgentes e necessárias para a nossa geração. Levar a própria sacola retornável ao supermercado e adotar uma garrafa de água reutilizável impedem que copos e sacolas plásticas inundem os nossos rios e mares. Evitar esse lixo rápido protege os animais e limpa as nossas praias de uma poluição que demora centenas de anos para sumir.

A separação correta do lixo que produzimos em casa limpa a cidade e dá uma nova vida para materiais

que iriam para o lixo comum. Separar e limpar as embalagens de plástico, vidro e metal para a coleta seletiva garante que tudo isso seja transformado em novos produtos. Esse gesto simples economiza a matéria-prima da natureza e traz renda e dignidade para as famílias dos catadores e para as cooperativas. Mudar a forma como nos movimentamos pela cidade é a maneira mais rápida de devolver o ar puro para as nossas crianças e vizinhos. Sempre que trocamos o carro por uma caminhada ou pelo uso do transporte público, estamos ajudando a descongestionar as ruas. Cidades com menos carros são locais mais silenciosos, seguros e atraentes para viver em comunidade.

Fazer a compostagem dos restos de alimentos em casa transforma o que seria lixo orgânico em adubo para plantas e hortas comunitárias. Cascas de frutas, talos de verduras e a borra de café do dia a dia podem ser reciclados no próprio quintal ou em pequenos vasos, reduzindo o volume de resíduos transportados pelos caminhões de lixo. Essa prática fecha um ciclo lindo de vida, devolvendo para a terra os nutrientes que ela nos deu. O nosso guarda-roupa e os objetos que usamos precisam durar mais para frear a cultura do descarte rápido e do consumo sem limites. Optar por consertar um calçado ou um eletrodoméstico quebrado em vez

de comprar um novo, além de apoiar os brechós e o comércio de usados, valoriza o que já existe. Consumir com consciência e critério é a melhor forma de proteger as riquezas naturais da Terra.

Viver de forma sustentável é um ato de cidadania e liderança pelo exemplo. Quando eu e você transformamos esses pilares em hábitos inegociáveis, nós inspiramos amigos, a família e o comércio local para um futuro viável. Diante disso, qual dessas práticas você vai começar a usar na sua rotina hoje mesmo? Até quando vamos esperar para mudar as nossas escolhas cotidianas? Você aceita o convite para liderar essa transformação? Seja você a mudança que deseja ver em sua cidade.

SAÚDE ÚNICA: A TEIA INVISÍVEL DA VIDA

A destruição do Planeta não é mais uma projeção para o futuro ou um conceito abstrato restrito aos debates acadêmicos. Ela bate à nossa porta e cobra um preço imensurável em vidas, histórias e dignidade. As recentes e devastadoras catástrofes climáticas que assolam o Rio Grande do Sul, transformando cidades inteiras, fazendo os rios transbordarem e desalojando as famílias, deixaram uma cicatriz profunda na alma do povo gaúcho e um alerta inegável para o mundo. Diante desse cenário de perdas e da previsão de novos eventos extremos, torna-se premente a mudança profunda e imediata em nossos comportamentos e atitudes.

Para compreender a gravidade do momento e encontrar caminhos alternativos, precisamos resgatar o conceito de Saúde Única. Essa abordagem demonstra que a saúde humana, a saúde animal e a saúde ambiental estão interligadas em uma única teia invisível. Historicamente, a sociedade cometeu o erro de isolar a medicina, a veterinária e a proteção das florestas em guetos separados. Essa fragmentação nos impediu de enxergar que a destruição dos ecossistemas e o aquecimento global são os verdadeiros gatilhos para tragédias

humanitárias e crises sanitárias. Quando o solo gaúcho é impermeabilizado, quando a vegetação nativa desaparece e quando o lucro financeiro imediato se sobrepõe ao respeito aos ciclos da natureza, o resultado se manifesta em rios secos em uma estação e enchentes avassaladoras na outra. Cuidar do meio ambiente não é um capricho, mas a nossa única garantia de sobrevivência.

Essa transformação exige que revisemos nossa própria definição de sucesso e progresso. Não podemos mais tolerar um modelo de desenvolvimento que contribui para doenças de toda ordem, polui o ar e destrói a integridade da Terra. A mudança começa quando deixamos de agir como donos do Planeta para nos percebermos como parte dele, atuando como verdadeiros protetores. A educação ambiental precisa evoluir nos domicílios, nas escolas e nas comunidades, indo muito além do ensinamento mecânico de separar o lixo. Ela deve ser o motor que desperta a sensibilidade e a corresponsabilidade, traduzindo dados científicos em escolhas diárias conscientes.

O sofrimento testemunhado no Rio Grande do Sul nos convoca à ação coletiva e individual. A reconstrução do nosso futuro não depende apenas de decretos governamentais ou de grandes tratados internacionais, mas se alimenta do esmero e do esforço diário de cada cidadão.

Estas pequenas atitudes, quando multiplicadas, têm a força necessária para enfrentar a crise climática:

- Combater o desperdício: reduzindo drasticamente o consumo de água, evitando o consumo desnecessário de energia e reaproveitando alimentos.
- Zelar pelo descarte correto de resíduos: garantindo a reciclagem e jamais descartando óleo de cozinha, pilhas ou medicamentos na rede comum de esgoto ou de coleta de lixo.
- Fortalecer a biodiversidade local: plantando árvores, cultivando hortas urbanas comunitárias e denunciando o desmatamento e os maus-tratos aos animais.
- Engajar-se socialmente: participando de comitês locais e apoiando projetos socioambientais voltados para a resiliência e a adaptação climática de nossas cidades.

Proteger a Terra e reverter o cenário de calamidades é o maior patrimônio que podemos e devemos deixar para as próximas gerações. Que a dor das cheias e a incerteza do amanhã se transformem em combustíveis para uma consciência mais cidadã e responsável. Entender que a cura e a sobrevivência do Planeta são a única receita para a nossa própria cura é o primeiro passo para garantir um mundo onde a vida possa,

definitivamente, voltar a crescer com dignidade e segurança. Diante do espelho da realidade, as perguntas são urgentes: Qual será a minha atitude? Qual será a sua decisão? Qual será o nosso destino?

A SAÚDE ÚNICA COMO RESPOSTA À CRISE CLIMÁTICA

A saúde humana depende de tudo o que nos cerca: a força das florestas, a pureza da água e a vida dos animais. Quando a natureza adoece e o clima muda, a nossa qualidade de vida cai na mesma hora. É por causa dessa ligação profunda que surge a necessidade da **Saúde Única**, uma ideia simples que reúne o cuidado com as pessoas, com os animais e com o meio ambiente em um só plano de ação.

No passado, governos e cientistas dividiram a medicina, os cuidados com os animais e a proteção das florestas em caixas isoladas. Essa separação nos impediu de enxergar que a destruição das matas e o aquecimento do Planeta são as verdadeiras causas de novas doenças e crises sanitárias. Uma nova consciência nos força a aceitar que cuidar da natureza não é um capricho de poucos, mas a nossa maior garantia de sobrevivência e proteção contra desastres futuros.

Felizmente, essa ideia já saiu do papel e já integra a vida de nossas famílias, escolas, empresas e espaços públicos. Várias ações comunitárias mostram como as mudanças no clima e a perda da vegetação trazem perigos reais para a saúde pública de todos. Esse avanço

ganha força porque cientistas e moradores locais entendem que evitar o dano ambiental no início traz mais benefícios do que gastar muito dinheiro com remédios e hospitais depois que a crise já se espalhou.

Nesse caminho de mudança, a educação ambiental é o motor que transforma a sociedade. O trabalho nas escolas e associações de moradores precisa ir além de ensinar a separar o lixo. O objetivo principal é formar cidadãos conscientes do peso de suas escolhas. Quando as instituições traduzem a ciência em tarefas simples, o respeito à natureza deixa de ser uma obrigação imposta e vira um compromisso natural com a própria vida.

Ao mesmo tempo, o combate à crise do clima exige uma revisão do que significa ter sucesso e progresso na vida. O lucro financeiro que destrói a Terra cobra um preço alto demais, pago com rios secos, ar poluído e doenças do corpo e da mente. Por outro lado, bairros planejados e hortas comunitárias provam que é possível produzir alimentos e trabalhar em harmonia com os ciclos da natureza.

Essa mudança de pensamento convida cada um de nós a recuperar o cuidado com o lugar onde vivemos. Cada escolha diária, como evitar o desperdício ou apoiar uma iniciativa sustentável, mexe com a rede invisível que sustenta a vida. Proteger a terra,

economizar água e respeitar os animais não são tarefas isoladas, mas um exercício de cidadania que evidencia o nosso compromisso com o futuro dos nossos filhos.

A grande força da **Saúde Única** está na certeza de que a construção do futuro exige a união e a responsabilidade de todos nós agora. A recuperação do Planeta não depende apenas de leis governamentais, mas de um esforço diário que começa quando nos percebemos como parte da mesma engrenagem viva. Se agirmos como protetores e não como donos da Terra, nós conseguiremos frear a destruição do clima.

A proteção da Terra por meio dessa união de forças é o maior patrimônio que deixaremos para a nossa espécie. Para ajudar a construir um futuro sustentável para as próximas gerações, adote as seguintes atitudes no dia a dia:

- Evite o desperdício: reduza o consumo de água, apague as luzes desnecessárias e reaproveite as sobras de alimentos.
- Cuide do seu lixo: separe os materiais recicláveis e nunca descarte óleo de cozinha, pilhas ou remédios vencidos na rede comum de esgoto ou de coleta de lixo.
- Proteja a vida local: plante árvores ou cultive hortas na sua casa, cuide bem dos animais de

estimação e denuncie maus-tratos ou desmatamento no bairro.

- Apoie a sua comunidade: participe das reuniões locais e fortaleça os projetos socioambientais da sua região.

Desse modo, entregaremos um mundo com rios limpos, ar puro e espaço para que a vida cresça com dignidade. Afinal, a cura do Planeta é a única receita para garantir a nossa própria cura e sobrevivência.

SOLIDARIEDADE PLANETÁRIA

A solidariedade planetária é um conceito ético e político que propõe a união global para enfrentar desafios que transcendem fronteiras nacionais, como a crise climática e as desigualdades extremas. Diferentemente da concepção tradicional, ela se fundamenta na interdependência e reconhece que os destinos da humanidade e dos ecossistemas estão intrinsecamente ligados, exigindo uma visão de cooperação mútua em vez de competição.

Um dos seus pilares centrais é a justiça climática, que denuncia como os impactos ambientais afetam desproporcionalmente as populações mais vulneráveis. Enquanto os países mais ricos emitem a maior parte dos gases de efeito estufa, comunidades marginalizadas sofrem as piores consequências de eventos extremos. A solidariedade, nesse contexto, exige uma redistribuição justa de recursos e tecnologias para garantir que todos possam se adaptar às mudanças em curso.

O pensador Edgar Morin expande essa ideia por meio da "identidade terrena", ao defender que devemos nos perceber como cidadãos de uma Terra-Pátria. Esse senso de pertencimento comum é essencial para superar cegueiras ideológicas e construir

uma governança global que priorize a vida em todas as suas formas. Ao ensinar a condição humana sob uma ótica planetária, busca-se uma consciência que respeite a diversidade cultural sem perder de vista a unidade da espécie.

Ademais, o princípio da solidariedade estabelece um dever ético das gerações presentes para com as vindouras. Isso implica que o desenvolvimento econômico contemporâneo não pode comprometer a integridade ecológica do Planeta. Iniciativas globais, como o compartilhamento de vacinas ou tratados de proteção à biodiversidade, são exemplos práticos de como esse valor pode ser institucionalizado para garantir um legado sustentável.

A eficácia dessa solidariedade depende da reforma do pensamento e da superação da visão fragmentada da realidade. A saúde planetária ilustra bem essa necessidade ao conectar o bem-estar humano à integridade dos sistemas naturais. Se o solo, a água e o ar estão degradados, a civilização inevitavelmente adoece. Portanto, a cooperação internacional não é apenas um ideal romântico, mas uma estratégia de sobrevivência essencial em um mundo globalizado e frágil.

A solidariedade planetária manifesta-se, portanto, no cotidiano por meio de uma ecologia integral,

que une a preservação ambiental ao combate à pobreza. Cada ação local, do consumo consciente ao apoio a políticas de justiça socioambiental, contribui para um tecido social global mais resiliente. Somente por meio dessa união de esforços será possível navegar as incertezas do século XXI e assegurar a continuidade da vida na nossa "Casa Comum".

Diante dessa realidade, cabem os seguintes questionamentos: até que ponto estamos dispostos a reformular nossas estruturas de poder e consumo para que a identidade terrena prevaleça sobre os interesses individuais e nacionais? Se a ciência e a tecnologia já oferecem as ferramentas necessárias para mitigar as crises globais, o que ainda nos impede de cultivar uma vontade política que enxergue o "outro" não como um competidor, mas como um companheiro de destino em uma nave espacial finita? A verdadeira transformação exige que questionemos se o nosso conceito de progresso ainda faz sentido quando ele ignora os limites biofísicos do Planeta e a dignidade daqueles que sequer nasceram.

O desafio que se impõe para o futuro não é apenas técnico, mas profundamente existencial: seremos capazes de realizar uma transição de consciência que substitua a lógica da exploração pela ética do cuidado?

Como podemos desenhar novas formas de organização social e econômica que não apenas conservem o que resta, mas que regenerem ativamente os laços humanos e naturais? A solidariedade planetária nos convida a pensar se estamos prontos para abandonar a ilusão de separação e abraçar uma cidadania global que reconheça a vulnerabilidade como nossa maior força de união.

REFERÊNCIAS

ACCORDI, I. de Almeida. A tragédia climática de 2024 revelou nossas fragilidades e, também, nossa humanidade. **Viver IFRS**, [*s. l.*], n. 12, 13 mar. 2026. Disponível em: https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/ViverIFRS/article/view/8125. Acesso em: 1 ago. 2026.

AUGUSTO, L. G. S. *et al*. One Health como disputa de hegemonia: uma resposta na perspectiva da saúde coletiva. **Saúde em Debate**, [*s. l.*], v. 50, n. 149, e11441P, 2026. DOI: https://doi.org/10.1590/2358-2898202614911441P.

BOURBAN, M. Ecological citizenship. *In*: WALLENHORST, N.; WULF, C. (ed.). **Handbook of the Anthropocene**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação ambiental**. Brasília, DF: MEC; Conselho Nacional de Educação, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br. Acesso em: 29 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Plano de ação nacional de uma só saúde (One Health)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2025.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução de Newton Roberval Eichemberg. São Paulo: Cultrix, 1996

DE GREGORIO, E. *et al*. Individual, collective and contextual dimensions of sustainable lifestyle change in daily life contexts: an integrated perspective. **Frontiers in Psychology**, [*s. l.*], v. 16, art. 1505676, 2025. DOI: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2025.1505676.

FÉLIX, S. B.; POIRIER, M.; PANDEIRADA, J. N. S. Is "earth" an animate thing?: cross-language and inter-age analyses of animacy word ratings in European Portuguese and British English young and older adults. **PLoS ONE**, [*s. l.*], v. 18, n. 8, e0289755, 2023. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0289755.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lucia Mathilde Endlich Orth. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MILAZZO, A. *et al*. One Health implementation: a systematic scoping review using the Quadripartite One Health Joint Plan of Action. **One Health**, [*s. l.*], v. 22, art. 101423, 22 abr. 2026. DOI: https://doi.org/10.1016/j.onehlt.2026.101423.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NIGHTINGALE, Florence. **Notas sobre enfermagem:** o que é e o que não é. Tradução de Amália Corrêa de Carvalho. São Paulo: Cortez, 1989.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando nosso mundo**: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. Brasília, DF: ONU Brasil, 2015. Disponível em: https://brasil.un.org. Acesso em: 4 jun. 2026.

PITT, S. J.; GUNN, A. The One Health concept. **British Journal of Biomedical Science**, [*s. l.*], v. 81, art. 12366, 2024. DOI: https://doi.org/10.3389/bjbs.2024.12366.

RAMIREZ-PLASCENCIA, H. H. F. *et al*. Presence of microorganisms in the environment: One Health approach. **Microorganisms**, [*s. l.*], v. 13, n. 11, art. 2435, 2025. DOI: https://doi.org/10.3390/microorganisms13112435.

SALMI, F.; CANOVA, M. A.; PADGURSCHI, M. C. G. Climate ethics, climate (un)justice and ethical-political disputes in the Brazilian Payments for Environmental Services. **Ambiente & Sociedade**, [*s. l.*], v. 26, e01232, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc20210123r2vu2023L2OA.

UNESCO. **Conhecimentos locais e indígenas**: diálogo de saberes e sustentabilidade. Paris: UNESCO, 2017. Disponível em: https://www.unesco.org. Acesso em: 29 jan. 2026.

ZINSSTAG, J. *et al*. Climate change and One Health. **FEMS Microbiology Letters**, [*s. l.*], v. 365, n. 11, fny085, 2018. DOI: https://doi.org/10.1093/femsle/fny085.

Tipografia

Fraunces e Gilmer Bold

editora UFN

O terceiro volume de 'Cuidar é Planetário' é um convite acolhedor para redescobrir nossa ligação com o planeta. Nele, a Enfermagem ganha uma nova alma, onde cuidar das pessoas e proteger a natureza caminham juntos em um só abraço. As autoras mexem com nossos sentimentos mais bonitos e acendem o desejo de um estilo de vida consciente e harmônico. Nas páginas desta obra, a ciência moderna conversa de igual para igual com a sabedoria dos povos indígenas e das comunidades tradicionais. Cada capítulo desfaz a ideia de que a Terra é algo separado de nós, revelando que somos parte de um mesmo organismo vivo. Desde pequenos gestos diários até grandes escolhas, o texto mostra o valor da empatia e da união em nossa rotina. Essa leitura inspiradora ajuda a deixar de lado o egoísmo e dá asas para uma linda jornada coletiva. É o empurrãozinho afetuoso que faltava para transformar nossa preocupação silenciosa em atitudes reais e cheias de vida. Se o mundo ao nosso redor adoece, como podemos ficar bem? Encontre aqui a inspiração para espalhar sementes de cuidado e se tornar o autor de um amanhã muito melhor.

PÓS-GRADUAÇÃO
saúde materno infantil
MESTRADO | DOUTORADO
Enfermagem
editora UFN
UFN
Universidade Franciscana